

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil

Class.: Raoni/Raoni

Data: 29/01/86

Pg.: 373

Brasília — Foto de Luciano Andrade



Costa Couto prometeu a Raoni nova audiência com o Presidente

Raoni quer fechar estrada que cruza Parque do Xingu

Brasília — Sandálias de dedo novas nos pés — do tipo preferido pelos surfistas cariocas — pitando um cachimbo no canto da boca ornamentada pelo imenso batoque, Raoni retornou a Brasília preocupado com a saúde de seu povo txucarramãe, no Parque Nacional do Xingu (MT), ameaçado pelas doenças da civilização que a pajelança não consegue curar.

“Antes índio morria de velho, por flecha ou borduna em briga, ou quando não tinha pajé perto para tirar o espírito do bicho ruim que fazia doença. Agora índio morre de gripe, malária e sarampo, porque nós tira com a pajelança e os brancos botam de novo. Doença de vocês é muito duro, muito mau, tenho muito medo”, disse o cacique.

Pedidos

Raoni garantiu que não há mais veneno do sapo no corpo do “professor Ruschi”: “Daqui a pouco ele pode pegar enxada para trabalhar e sonhar com mulher bonita.” Mas reafirmou que o presidente Sarney precisa “pagar logo para o homem ficar bom”, quem encomenda a pajelança tem que oferecer em troca algum presente, para fechar a cura, caso contrário, a doença pode voltar para o corpo de quem estava doente ou pegar o pajé.

— O que você vai pedir ao presidente?
— Ele é quem sabe. Eu e o Sapaim não pode pedir pagamento como pajé. Nós temos um outro pedido pra ele, separado, como cacique. Queremos que ele acabe com a estrada BR-080 que atravessa nossa reserva levando doença para o Xingu. Sarney é amigo meu e entende que quero meu povo livre, alegre para pescar, caçar e dançar.

Em seguida, Raoni explicou que está preocupado com a juventude de sua aldeia, kretire, tentada pelos perigos do povoado São José do Xingu: “Cachaça e mulher branca”. Esse povoado, conhecido na região como Bang-Bang, fica no limite da reserva indígena e é formado por um pequeno comércio que abastece as fazendas da região e distrai os peões que nelas trabalham.

A estrada BR-080 foi construída no governo Médici, quando Mário Andreazza era ministro dos Transportes, para ligar o município de Xavantina ao de Cachimbo. Esse traçado acabou unindo São José do Bang-Bang a Alta-Floresta, onde existe o garimpo Peixoto. De dois em dois dias, um ônibus trafega pela estrada, ligando São Félix do Araguaia ao garimpo.

Por não ter qualquer importância econômica, atendendo apenas aos fazendeiros, peões e garimpeiros daquela área, o próprio Andreazza, já como ministro do Interior, estava disposto a fechá-la, atendendo à reivindicação (já naquela época) de Raoni. A proposta do ministro era abrir outra estrada, mais

abaixo, próxima à Cachoeira Von Martius, fora do Parque.

Valente

Foi em função dessa estrada que o cacique txucarramãe se tornou famoso. Ela alterou a demarcação do parque, permitindo que a antiga área indígena, na margem direita do Rio Xingu, fosse tomada por fazendeiros. Em 11 de agosto de 1980, ajudados pelos cajabi, os txucarramãe mataram a bordunadas os peões que trabalhavam na fazenda Agropexim e abriam uma picada, desmatando os domínios do cacique Raoni.

A partir daí, os txucarramães passaram a ser temidos e as fazendas da margem direita do rio foram desativadas. Mas, no dia 23 de março de 1984, quando o então presidente da Funai Otávio Ferreira Lima cancelou por rádio uma reunião marcada com as lideranças do kretire, no Xingu, após se encontrar dias antes com os fazendeiros em Brasília, os índios se rebelaram novamente e seqüestraram a balsa da estrada.

Além disso, mantiveram como reféns os funcionários da Funai que se encontravam na aldeia. Entre eles, o antropólogo Cláudio Romero (demitido na gestão de Álvaro Villas-Boas), o ex-superintendente Lamartine Ribeiro, o ex-diretor do Departamento de Assistência ao Índio Carlos Grossi e o sertanista Sidney Ponsuelo.

Nessa ocasião, Raoni exigiu que os 15 quilômetros da margem direita do Xingu — separados da reserva pela estrada — fossem demarcados, a área sagrada do capoto fosse anexada ao Parque, a balsa controlada pelos txucarramães e Otávio, demitido da presidência da Funai. Conseguiu.

Sobre o rio

De volta do Rio de Janeiro, cidade que não gostou por causa “de muito carro, cheiro ruim e muito barulho”, Raoni se diz disposto a lutar pelo fechamento da BR-080:

— Não quero escutar mais barulho de carro, avião e trator de fazendeiro na minha terra. Nem barulho de ônibus na estrada. Tenho medo que acabe terra, acabe mata, acabe casa de índio. A aldeia está aumentando. Não vou vender ouro, nem terra, nem madeira de meu povo. Quero meu povo sem doença e alegre como era antes de branco entrar.

Depois acabou revelando que gostou de duas coisas no Rio de Janeiro: do camarão e do tucunaré que comeu por lá. Com uma observação:

— O tucunaré do Rio não foi igual ao do Xingu. Ah... no meu rio, ele é muito mais gostoso.

Santa Teresa, ES — Foto de Custódio Coimbra



Na varanda de sua casa, Ruschi volta ao convívio dos pássaros

Ruschi volta a seus beija-flores

Santa Teresa, ES — O cientista Augusto Ruschi, que ficou livre do veneno do sapo dendrobata com o tratamento feito pelos pajés Sapaim e Raoni, chegou às 15 horas de ontem no Museu Mello Leitão, onde reside e trabalha. Seu primeiro gesto foi acariciar uma orquídea que encontrou, entre o portão de entrada e os prédios onde estão os laboratórios, a biblioteca e a residência, um prédio rosa em que viveram também seus pais.

Na varanda da casa, Ruschi se aproximou de um bebedouro, de água com açúcar, e ficou apreciando os vôos dos beija-flores. Depois, foi à biblioteca, cumprimentou suas secretárias e sentou-se à mesa de trabalho, onde se acumulavam dezenas de telegramas de solidariedade; mais carinhoso, colocado de propósito, o em cima, como: “O grão-mestre da natureza há de chegar a um acordo com ela”. Era assinado pelo publicitário paulista Carlito Maia.

Ele mostrou o telegrama à mulher, Mari-lande Angeli Ruschi. “Esta solidariedade — disse — é que ajuda na cura e anima a volta ao trabalho”. Depois, leu até o último telegrama.

Sobre beija-flores, Ruschi veio falando em sua viagem de avião do Rio para Vitória e conversou com o repórter-fotográfico da Man-

chete, Carlos Umberto, na sala VIP do Aeroporto Internacional do Rio, onde foi obrigado a esperar duas horas pelo embarque, por causa de um acidente aéreo em São Paulo.

Ruschi explicou como fotografava os beija-flores: “Eu ficava olhando a flor onde ele vinha pegar o néctar. Colocava água com açúcar dentro, o beija-flor passava a vir sempre e eu fotografava à vontade. Assim foi pelo mundo afora, principalmente no Equador, no Peru e na Venezuela. Sempre com flash porque a mata é escura e a fotografia precisa pegar bem a plumagem do beija-flor.

Ruschi contou também que há beija-flores que viajam a 60 quilômetros horários. Em beija-flor ele fez até eletrocardiograma.

Dentro de alguns dias, ele vai pedir audiência ao Presidente Sarney. “Vou agradecer a ele o interesse pela minha cura. Vou também levar dados sobre a nossa farmacopéia, pois só se conhece 5% das plantas medicinais. Faltam 95% e os estudos ainda são do tempo de Bekolt, do início do século.” Ele imagina pesquisadores trabalhando com índios como Sapaim, e buscando nas ervas a cura de muitos males. Pois foi a partir das descobertas dos índios que se fizeram os anestésicos como o ópio, a morfina e a cocaína.